



Governador do Distrito Federal endossa Bolsonaro e diz que aval de Simone Tebet a Lula é decisão “isolada” no MDB. Gestor do Paraná afirma que mais de 70% dos prefeitos do estado vão atuar na campanha de reeleição do presidente

Apoio de Ibaneis e Ratinho Jr.

» TÁISA MEDEIROS

ED ALVES/CB/D.A.Press



Ibaneis defendeu a atuação do presidente na crise sanitária: “Não faltaram recursos da União para que a gente fizesse o trabalho de combate à pandemia”

Candidato à reeleição, o presidente Jair Bolsonaro (PL) aumentou o rol de apoios entre governadores para a disputa do segundo turno. Desta vez, quem oficializou o aval foram os gestores do Distrito Federal, Ibaneis Rocha (MDB), e do Paraná Ratinho Junior (PSD). Além desses, já fecharam com o chefe do Executivo Cláudio Castro (PL), reeleito no Rio de Janeiro, e Romeu Zema (Novo), reconduzido em Minas Gerais, além de Rodrigo Garcia (PSDB), derrotado no primeiro turno na busca por novo mandato em São Paulo.

Ibaneis minimizou o apoio da senadora Simone Tebet (MS), do mesmo partido dele, ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Disse ser “isolada” a posição da terceira colocada na corrida pelo Planalto. “Nós temos uma bancada muito forte, que foi eleita agora. O MDB aumentou na Câmara dos Deputados, e essa bancada vem exatamente das pessoas que votaram com o presidente Bolsonaro”, frisou, no Palácio da Alvorada.

Bolsonaro agradeceu ao governador pelo apoio e o chamou de “amigo”. Afirmou que as discordâncias entre os dois sobre a pandemia são “coisa do passado”. O gestor do DF, por sua vez, defendeu a atuação do presidente na crise sanitária. “Quero deixar bem claro: não faltaram recursos da União, do governo federal para que a gente fizesse todo um trabalho de combate à pandemia, hospitais de campanha, compra de vacinas, compras de medicamentos”, destacou. “A gente não tem do que reclamar. O governador que abrir a boca para falar do governo federal no que diz respeito à atuação na pandemia simplesmente não está falando a verdade.” No DF, Bolsonaro venceu com 51,65% dos votos, contra 36,85% de Lula.

Aliado do chefe do Executivo desde 2018, Ratinho Junior (PSD) disse que mais de 70% dos prefeitos do Paraná vão atuar na campanha do presidente. Em âmbito nacional, o PSD, que é presidido por Gilberto Kassab, declarou



Nós temos uma bancada muito forte, que foi eleita agora. O MDB aumentou na Câmara dos Deputados, e essa bancada vem exatamente das pessoas que votaram com o presidente Bolsonaro”

Ibaneis Rocha,
governador do DF

neutralidade e liberou seus filiados para apoiarem qualquer candidato.

“Eu faço aqui, presidente, em meu nome e em nome da nossa população, que, em sua grande maioria, pela segunda vez — na eleição passada já tinha feito isso —, nesta eleição fez da mesma forma no primeiro turno, deu uma esmagadora votação para o senhor, e a ideia é que a gente possa consolidar isso, numa ampliação da votação no segundo turno, ajudando a dar a vitória ao presidente Bolsonaro”, disse Ratinho. “Já lhe garanto também, presidente, que mais de 70% dos prefeitos do Paraná vão estar neste segundo turno dedicados a ajudar nesta eleição”, emendou. No estado, o chefe do Executivo teve 55,26% dos votos no primeiro turno, contra 35,99% de Lula.

Bolsonaro também pressionou a ACM Neto (União Brasil) a endossar sua candidatura. Aliados do ex-prefeito de Salvador dizem, no entanto, que ele deve manter a posição de neutralidade. ACM Neto disputou o governo da Bahia, quarto maior colégio eleitoral do país, contra Jerônimo Rodrigues (PT).

Parlamentares

Também ontem, Bolsonaro se reuniu com parlamentares eleitos, como as ex-ministras Damares Alves (Republicanos-DF) e Tereza Cristina (PP-MS), que ocuparam cadeira no Senado, e a deputada reeleita Bia Kicis (PL-DF). “Hoje, vocês podem ver o perfil dos parlamentares eleitos na Câmara e no Senado, um perfil mais conservador, mais família,

mais liberdade econômica. Ou seja, está tudo pavimentado para que a harmonia seja completa entre Executivo e Legislativo, para o bem do nosso querido Brasil”, afirmou o presidente. “Um Senado mais centro-direita, que aprovará as propostas que interessem ao Brasil com mais agilidade, e, com isso, teremos uma maior produção legislativa. Tudo o Brasil vai ganhar com isso.”

Representantes do agronegócio também foram reiterar seu apoio, acompanhados da ex-ministra da Agricultura Tereza Cristina. “Não temos nenhuma dúvida de que foi o presidente que mais deu apoio ao agro brasileiro. Apoio por meio do crédito, de ações de infraestrutura, como a BR do Mar, que foi importantíssima e que o Congresso aprovou”, ressaltou a senadora eleita.

Pesquisas

O presidente também voltou a criticar os institutos de pesquisa, devido aos números divergentes entre os levantamentos e o resultado das urnas. “Nós alertamos esses institutos que estão trabalhando, na verdade, para quem os contrata. E não é para fazer uma pesquisa séria. A intenção é interferir na democracia. Falam tanto de atos antidemocráticos. Isso é um ato antidemocrático, esses números abusivos desses institutos de pesquisa, que quase decidiram a eleição presidencial no primeiro turno”, reclamou.

Ao lado de Bolsonaro, o ministro da Justiça, Anderson Torres, comentou sobre o inquérito encaminhado na terça-feira à Polícia Federal para que os institutos sejam investigados. “Números muito discrepantes da realidade que se teve nas urnas. (...) Nada melhor do que um inquérito, na Polícia Federal, para esclarecer tudo isso, até para a população brasileira, para que possa exercer seu direito, para que as pesquisas não fiquem direcionando, muitas vezes, questões de voto útil”, argumentou.

Em outra frente, no Congresso, o senador Marcos do Val (Podemos-ES) alcançou as 27 assinaturas necessárias para a abertura da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Institutos de Pesquisa. O parlamentar pretendia entregar o requerimento, ainda ontem, para o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD).

Mais tarde, em sua primeira transmissão ao vivo nas redes sociais no segundo turno, Bolsonaro falou em “problemas” na apuração dos votos na primeira etapa da disputa e voltou a criticar o Supremo Tribunal Federal (STF). Ele disse que a ministra Cármen Lúcia, da Corte, “faz de tudo para eleger Lula”. O presidente ficou contrariado após a magistrada mandar a Polícia Federal definir como pretende apurar a eventual participação do chefe do Executivo no escândalo dos pastores no Ministério da Educação, que contou, até mesmo, com pedido de propina em ouro. (Com Agência Estado)

Entre a busca por voto no atacado e no varejo

» VINICIUS DORIA

A distância que separa o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o atual, Jair Bolsonaro (PL), da vitória em 30 de outubro não é a mesma e aponta estratégias diferentes para os dois candidatos que polarizam a eleição presidencial mais acirrada da história pós-ditadura militar.

Enquanto para Lula a conta fecha com mais 1,8 milhão de votos — o necessário para atingir a marca de 50% mais um dos votos válidos —, o presidente precisa escalar uma montanha de cerca de oito milhões de votos para se reeleger. Com o mapa do Brasil que emergiu das urnas eletrônicas no último domingo, os coordenadores das duas campanhas traçam cenários distintos sobre os mesmos números.

Analistas são unânimes em apontar o Sudeste como o principal campo de batalha por votos. Nessa ótica, Bolsonaro largou na frente. Na terça-feira, anunciou a adesão dos governadores dos três maiores colégios eleitorais do país: São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Lula, por sua vez, tenta ampliar sua frente ampla de apoios para além do campo da esquerda e começa a colher frutos do ponto de vista simbólico e eleitoral com as declarações de voto do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e da senadora Simone Tebet (MS), candidata do MDB à Presidência

que conquistou quase cinco milhões de votos no primeiro turno.

Mas são nos números do eleitorado que estão as variáveis com potencial de levar um ou outro à vitória. Bolsonaro intensificará a campanha no Sudeste por causa de uma conta simples: é lá que está a maioria dos eleitores que não votaram nele nem em Lula. Em São Paulo, por exemplo, maior colégio eleitoral do país, quase 2,9 milhões de pessoas optaram por Ciro Gomes (PDT), Simone Tebet, Felipe D’Ávila (Novo) ou Soraya Thronicke (União Brasil). Em Minas, são quase 1 milhão. E no Rio, perto de 800 mil. Somam cerca de cinco milhões de votos a serem disputados, principalmente pelo presidente, que precisa atuar no atacado para tirar a diferença de seis milhões de votos que o separaram de Lula no primeiro turno. Contar com a máquina administrativa dos três estados é um trunfo que o chefe do Executivo leva na bagagem.

O candidato petista, por sua vez, tem alternativas no varejo que podem facilitar sua corrida no segundo turno, principalmente na Região Nordeste, em que apresentou seu melhor desempenho. A quantidade de votos em jogo é muito menor do que no Sudeste, mas pode fazer a diferença entre ganhar e perder a eleição. Nos três maiores colégios eleitorais nordestinos — Bahia, Ceará e Pernambuco —, há uma

Mauro Pimentel / AFP



Zona eleitoral no Rio de Janeiro: no estado, cerca de 800 mil não votaram em nenhum dos dois finalistas

avenida aberta pelos candidatos nem-nem, ou terceira via.

Apenas nesses três estados, Ciro, Tebet, Soraya e D’Ávila somaram quase 1,2 milhão de votos. Como Lula teve desempenho muito superior ao de Bolsonaro, com votações que ficaram, na média, entre 65% e 70% nos estados da região, a equipe petista acredita que essa proporção poderá se manter na

disputa pelos votos nem-nem.

Outro aspecto é o apoio em peso do MDB nordestino à candidatura de Lula ainda no primeiro turno, que deve ajudar a influenciar os eleitores de Tebet. Traduzindo, só o Nordeste pode fazer com que Lula percorra mais da metade do caminho que precisa para chegar à vitória.

“As pesquisas acertaram o tamanho do eleitorado de Lula e,

agora, a campanha petista quer ampliar a vantagem que tem no Norte e Nordeste, apostando em puxadores de voto poderosos, como os senadores eleitos e governadores como Helder Barbalho, eleito com mais de 70% dos votos (no Pará). A estratégia é centrar fogo no Nordeste para ampliar a vantagem. Também há a aposta no eleitorado de Tebet, para pegar o rescaldo de quem

rejeita Bolsonaro a qualquer custo”, analisa Ueber Oliveira, doutor em ciência política e professor da Universidade Federal do Espírito Santo.

Brizolismo

A outra frente aberta no varejo do eleitorado está no Rio, um dos redutos brizolistas do PDT de Ciro Gomes, tradicionalmente identificado com a esquerda. O apoio que recebeu ontem do ex-prefeito de Niterói e candidato derrotado ao governo do estado Rodrigo Neves (PDT) abre a Lula a possibilidade de avançar sobre os mais de 670 mil votos dados pelos fluminenses ao pedetista, mais do que o dobro dos votos dados a Ciro Gomes no estado (301 mil).

Minas Gerais será outro palco decisivo. Bolsonaro conta com o apoio do governador, Romeu Zema (Novo), eleito com 6 milhões de votos, pouco mais do que os 5,8 milhões conquistados por Lula na corrida presidencial.

Finalmente, em São Paulo, com mais de 20% do eleitorado nacional, Bolsonaro larga com uma vantagem de mais de 1,8 milhão de votos.

Lula vai concentrar o esforço na busca do voto conservador paulista que optou pela terceira via no primeiro turno. São mais de 2,8 milhões de votos disponíveis para os candidatos da polarização.